

SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: RELATO DE INTERVENÇÃO FEITA POR GRADUANDOS DE PSICOLOGIA

Marina Ortolan Araldi(1); Joana Dal Mas dos Santos (2); Jorge Eduardo Rodrigues (3);
Chaiane Zingara Porto (4)

Universidade La Salle
marina.araldi@unilasalle.edu.br(1)
joanah.dalmas@hotmail.com(2)
rodrigueseduardo92@gmail.com(3)
chaiane.porto@gmail.com (4)

Resumo

Este relato de experiência trata sobre a sexualidade na adolescência a partir de uma intervenção realizada por graduandos de psicologia com alunos de uma turma do 7º ano de uma escola de ensino público fundamental que fica na região metropolitana de Porto Alegre, RS. O trabalho se iniciou a partir da solicitação da coordenadora pedagógica em tratar sobre a temática da sexualidade já que havia queixas de alunos, pais, mães e professores sobre atitudes de conotação sexual de um grupo de alunas que impeliam outros alunos a participarem de brincadeiras eróticas, mesmo sem o desejo ou consentimento deles, causando desconforto e constrangimento. Para tanto, foram propostos dois encontros, onde os alunos puderam se expressar, questionar e refletir sobre estas condutas através de dinâmicas. Como parte importante dos resultados desta intervenção, entende-se que seja necessário extrapolar a visão biológica da sexualidade a fim de perceber outros aspectos importantes do desenvolvimento do adolescente que possam influenciar esta conduta. Percebe-se que a sexualidade extrapola o aspecto biológico e que os jovens demonstram dificuldade em lidar com esta temática, assim como se mostram frágeis em perceber sua identidade, individualidade e estabelecer um limite de respeito com os demais. Por fim, essa intervenção auxiliou na construção da sexualidade destes adolescentes, desmistificando o assunto e fornecendo uma direção no que diz respeito à abordagem da sexualidade na escola.

Palavras-chave: sexualidade, adolescência, intervenção, psicologia, escola pública.

Introdução

A adolescência é um período que envolve transformações físicas, psíquicas, de pensamento, de identidade, entre outras tantas. Como todo o desenvolvimento, passa por crises, ou seja, precisa perder algo, se desestruturar, para conquistar espaços ainda maiores. A sexualidade é uma destas crises e ponto-chave das mudanças nesta fase: o adolescente perde seu corpo infantil e passa por uma maturação sexual biológica, que aos poucos o transforma. A sexualidade se desenvolve desde os primeiros momentos de vida (FREUD, 1996), mas é na adolescência sua maior expansão e descoberta. Além disso, o ser humano sempre é influenciado por diversos sistemas – família, amigos, escola, trabalho, comunidade, cultura, leis (BRONFENBRENNER, 1996) –, mas na adolescência os amigos e colegas de turma se tornam as principais referências. Sendo assim, a escola acaba sendo um dos principais ambientes a receber estes grupos de sujeitos em transformação.

Avaliando esta demanda, diversas escolas particulares passaram a oferecer o serviço de orientação sexual, e este tema passou a ser recorrente nas discussões políticas, ora apoiando, ora com visível receio de “despertar” esta sexualidade até então inexistente ou profundamente adormecida. A partir da dificuldade em lidar com esta temática e da falta de profissional qualificado para tratar a demanda, uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre contatou a Universidade La Salle (Canoas, RS) em busca de uma intervenção de psicólogos e estudantes de psicologia. O trabalho se iniciou a partir da solicitação da coordenadora pedagógica, pois havia queixas de alunos, pais, mães e professores sobre atitudes de conotação sexual de um grupo de alunas que impeliam outros alunos a participarem de brincadeiras eróticas, mesmo sem o desejo ou consentimento deles, causando desconforto e constrangimento. O objetivo deste trabalho consiste em mostrar a intervenção feita pelo grupo que escreve este artigo, que teve como objetivo auxiliar no debate de temas pertinentes à adolescência, especialmente a sexualidade.

Metodologia

Este relato de experiência resulta de pesquisa qualitativa, de ordem descritiva, adotando o estudo de caso. Esta metodologia tem sido empregada com periodicidade cada vez maior por pesquisadores com o objetivo de retratar acontecimentos da vida real na qual as limitações dos seres humanos não estão evidentemente definidas (GIL, 2008).

Neste sentido, Creswel (2007), esclarece que “na perspectiva qualitativa, o ambiente natural é a fonte direta de dados e o pesquisador, o principal instrumento, sendo que os dados coletados são predominantemente descritivos”. Complementarmente, o autor acrescenta que, devido a essas características, o processo tem um significado muito maior do que o produto na pesquisa qualitativa, ou seja, ao investigar determinado tema, o pesquisador se preocupa muito mais com o “como”, do que com o “quanto”.

No caso da presente pesquisa, esta trata sobre a sexualidade na adolescência a partir de uma intervenção realizada por graduandos de psicologia com alunos de uma turma do 7º ano de uma escola de ensino público fundamental que fica na região metropolitana de Porto Alegre, RS. Para isto, foi realizado um encontro do grupo com a coordenadora pedagógica para compreender a demanda, mais algumas reuniões para elaborar a proposta de intervenção e dois encontros interventivos, com intervalo de uma semana entre cada um deles. Os encontros ocorreram na escola, no período da aula e duraram duas horas e trinta minutos. Os pais foram avisados da intervenção e

convidados a participar de uma conversa sobre sexualidade no mesmo dia em que houve o segundo encontro.

Para uma descrição mais objetiva, dividimos o relato em três partes: inicialmente descrevemos a problemática trazida pela coordenadora pedagógica, a reflexão sobre o caso e o que seria desenvolvido com a turma, bem como a exemplificação das dinâmicas. Na continuação, apresentamos os dois relatos (o do grupo das meninas e o dos meninos, como foi dividida a turma).

Relato da experiência

De acordo com o relato da coordenadora pedagógica, um grupo de meninas, liderado por uma delas, estaria “incomodando” um menino que era mais quieto e retraído. O caso se agravou quando este grupo iniciou uma brincadeira que viu na Internet, no qual uma menina desafiava a outra a realizar uma tarefa de conotação sexual no período em que estavam na escola. Os desafios envolviam ações como levantar a blusa e mostrar os seios, passar a mão no corpo de um menino, fazer com que um deles passasse a mão no corpo delas e, entre estas ações, a menina que liderava o grupo abaixou as calças do menino referido.

Depois da análise da problemática trazida pela coordenadora da escola, resolvemos separar a turma entre meninos e meninas, dividindo assim a nossa equipe também - duas graduandas mulheres com o grupo de meninas e uma dupla formada por um graduando homem e uma mulher, com os meninos -. O trabalho foi desenvolvido por intermédio de dinâmicas, objetivando que os momentos de intervenção fossem percebidos como continuação um do outro e não como etapas separadas.

O intuito foi fazer com que a turma pensasse sobre a sexualidade na adolescência dentro da perspectiva da queixa, que apresentava diversos outros valores como identidade, respeito, individualidade e a união do grupo. Estes valores acabaram se tornando o pano de fundo de cada uma das dinâmicas. O objetivo das atividades foi fazer com que o grupo se comunicasse melhor, portanto, quando um assunto se esgotava, seguíamos para a próxima dinâmica, porém quando estas mobilizaram muito conteúdo, apenas dávamos continuidade. O objetivo era fazer com que todos os alunos falassem e, caso algum não se manifestasse, pedíamos a sua opinião.

Ainda com a turma toda reunida, desenvolvemos uma técnica para “quebrar o gelo” e também para identificá-los pelos nomes. Escolhemos a “Dinâmica do nome” com o intuito de promover a identidade e o respeito. Todos nós

formamos um círculo em pé onde cada um disse seu nome seguido de um gesto ou movimento. Após cada apresentação, o grupo repetia o nome e o gesto.

Depois desse momento inicial, os grupos se dividiram em duas salas para realizar as demais atividades. Elas foram desenvolvidas no chão, com a turma em círculo, ora afastados – quando a dinâmica exigia – ora em grupo para debater o assunto. Para facilitar a compreensão, as dinâmicas do primeiro encontro encontram-se expostas na figura 1.

Jogo das aparências

Identidade e respeito

Os alunos escreveram três características suas em um papel, as colocaram em um balão e o encheram. Todos jogaram os balões para cima os e pegaram um, aleatoriamente. Quem estourava o balão tentava identificar a pessoa que tinha as características descritas.

Jogo da autoestima

Identidade e respeito

Foi questionado aos alunos o que eles entendiam por autoestima seguido de uma breve explicação do conceito. Foi entregue uma folha de papel explicando que ela representava a autoestima. Após isto foi lida uma lista de situações que podiam ocorrer, e eles rasgavam a folha na medida em que aquilo afetasse sua autoestima

Shrek

Respeito e união

Foi contada a história do filme Shrek e debatidas questões como as diversas maneiras de ser, padrões e atitudes com os outros.

Semáforo

Espaço para dúvidas

Os alunos escreveram dúvidas que tinham sobre os assuntos debatidos e que gostariam de conversar no próximo encontro. As questões eram individuais e deveriam ser colocadas sobre um círculo verde, se fosse fácil para ele falar sobre aquele assunto, amarelo, não muito fácil, e vermelho, difícil.

Figura 1-Dinâmicas desenvolvidas no primeiro encontro, contendo título, objetivo e desenvolvimento.

Relato do grupo das meninas

Depois que os meninos saíram, ficamos sozinhas com as meninas e iniciamos as dinâmicas. Elas questionaram a separação por sexo e o motivo de termos pedido que a professora delas também saísse da sala, pois falaram que não tinham nada a esconder e que poderiam ter uma conversa aberta com todos juntos.

No “Jogo das aparências” as meninas tinham dúvidas apenas em algumas características umas das outras, algumas erraram, mas a maioria foi assertiva, fazendo-nos pensar que, mesmo elas tendo desavenças, reconheciam as outras colegas nas características que as mesmas colocaram. Em sequência, veio a observação de que, por sermos pessoas de fora do convívio delas, não nos demos conta que algumas das características colocadas poderiam ser óbvias para elas, porém para nós não. O fato mais uma vez demonstrou que havia intimidade o suficiente para reconhecer a personalidade da outra pessoa e o que ela colocaria como característica de si própria.

No “Jogo da autoestima”, apesar de todas as meninas se sentirem com a autoestima prejudicada com problemas em casa com seus responsáveis, percebemos também que, mesmo algumas delas demonstrando superioridade ao que os outros pensam, um ponto forte visto por meio desta dinâmica e com o debate que aconteceu na sequência, foi que elas são vigorosamente influenciadas pelo que os amigos, pais, professores, e pessoas de seu ciclo social pensam delas. Apenas um pequeno grupinho das meninas que estavam mais caladas demonstrou uma grande falha na autoestima quando um professor criticava seus trabalhos de escola, sendo que o restante da turma de garotas não manifestou nada nessa parte.

Na penúltima dinâmica, chamada de “Shrek”, as meninas reconheceram que foi trazida a imagem de Shrek, o ogro, para dialogar sobre respeito e diversidade. Elas ainda pareciam ter certa dificuldade em se colocar no lugar do colega ao lado. Apesar de saberem o que não gostavam nas atitudes dos outros, como algumas coisas inapropriadas, poucas faziam uma autocrítica (especialmente o grupo de meninas e sua “líder”, que involuntariamente nos levou até lá) o que nos fazia, por vezes, devolver perguntas, para melhor reflexão pessoal e autocrítica, para que elas não apontassem tanto defeitos alheios e sim pensassem sobre os próprios.

Ademais, no decorrer das dinâmicas percebemos que as falas voltavam sempre para o ambiente familiar, geralmente sobre cobranças exageradas dos pais ou a não aceitação de que elas fizessem algo solicitado por eles ao seu próprio modo. A maioria dos conflitos de relacionamento era aparentemente comum. O

que foi surpreendente, ocorreu quando apresentamos as perguntas da dinâmica do “Semáforo”. As questões eram muito mais sobre brigas com os responsáveis, sobre a aceitação deles diante do início de sua sexualidade, críticas a comportamentos entre elas, à sociedade em geral e também questões sobre o desenvolvimento do corpo.

No primeiro encontro, ao que tudo indica, o retorno foi bom. As meninas falaram que imaginavam que seria “uma palestra chata”, onde iriam “fingir que estavam prestando atenção”. Elas participaram de todas as dinâmicas e conversaram bastante sobre tudo o que trazíamos e mais ainda, além do que tínhamos proposto, como assuntos particulares de sua vida, por exemplo. No entanto, o segundo encontro foi um pouco desapontador, quando menos da metade das meninas foi à aula por saberem que esse seria o dia do nosso retorno.

Apenas uma das alunas trouxe a tarefa proposta na semana anterior, que era anotar situações que ocorreram, pensaram ou sentiram naquela semana. Ela escreveu três laudas, descrevendo de modo geral sentimentos, pensamentos e relações da sua vida. Como havia muitas perguntas sobre o desenvolvimento do corpo, as incentivamos a buscarem conversar com os pais e procurarem um médico ginecologista. Nesse segundo encontro, elas também ficaram bem entrosadas conosco e conversaram bastante, discutindo por vezes entre elas, talvez por ser um grupo de meninas menor do que o do primeiro encontro.

Apesar da falta de muitas meninas, conseguimos dialogar bastante, apenas trabalhando nas questões que elas tinham escrito na dinâmica do semáforo. Após, trabalhamos um pouco no que elas queriam anotar para falar para os meninos. Uma aluna ficou encarregada de anotar os assuntos em um caderno. A maioria dos tópicos que elas registraram versou sobre problemas cotidianos entre elas e os meninos, e algumas atitudes deles (por exemplo: brigas, tapas, etc.). Nada anotado tinha conotação sexual.

No momento em que a turma foi unida novamente na sala e começou o diálogo, partiu dos meninos a abordagem sobre a problemática da sexualidade. As meninas que foram “acusadas”, obviamente tiveram como primeira reação defender-se, mas depois de um tempo falando sobre isso, elas foram diminuindo a resistência visivelmente, parecendo que estavam percebendo que tal atitude era inapropriada para o ambiente escolar.

Na dinâmica da família ideal tivemos problemas, tanto entre eles - depois que formamos o grupo esquematizado -, quanto entre nós. No final, concordamos em não colocar no mesmo grupo a menina e o menino que nos haviam levado à escola, pois ela, quando observou que ele fazia parte da mesma “família”, teve uma atitude inesperada, recusando-se a participar. Depois que foram separados,

tivemos alguma dificuldade com a menina, mas contornamos a situação. Alguns grupos pareciam ter mais sincronia e união do que outros, mas todos trabalharam juntos para tentar concluir a tarefa final que propusemos.

É importante relatar que apenas um grupo demonstrou de uma forma diferente uma palavra do coração, - parte da dinâmica - que a família teria que representar. Nesse momento, eles não representaram no “teatro” uma “família”, mas sim uma menina que estava andando na rua e um menino falando que queria “ficar” com ela. A personagem da aluna se negou e logo após ele não aceitou a negativa dela. Não era nesse sentido que havíamos proposto. Todos os outros grupos entenderam e fizeram o teatro relacionado ao que foi proposto, porém, naquela tarefa o referido grupo nos trouxe a visão deles naquele momento, mesmo não havendo muita relação entre os assuntos.

Relato do grupo dos meninos

Na atividade “Jogo das aparências” todos participaram, porém, o aluno que teve suas calças abaixadas e motivou a intervenção, ficou afastado dos demais. O motivo da dinâmica era fazer com que os estudantes reconhecessem a capacidade dos colegas, escrevendo as suas potencialidades. Um dos alunos deu um sentido sexualizado para a dinâmica, colocando como suas características principais “gostoso e lindo”. Os demais falaram mais sobre a inteligência e o fato de terem bastante amigos no grupo. No momento da identificação houve vários enganos, e inclusive um dos participantes não lembrava o que havia escrito no papel. Quando aconteceu o reconhecimento, a grande maioria não identificava nos colegas as qualidades descritas, mas percebia em si as características apontadas. O único apontado como o inteligente da turma foi o garoto que ficava afastado dos demais.

No “Jogo da Autoestima” alguns adolescentes relataram a falta de valorização em casa e como as palavras de efeito negativo os influenciavam. Na dinâmica do “Shrek” surgiu a falta de respeito das meninas em relação a eles em sala de aula e comentários de que elas os chamavam de “gays” caso não participassem dos desafios e, por este motivo, eles participavam. Foi sugerido que todas as situações nas quais eles percebiam a falta de respeito fossem anotadas para que falassem com as meninas posteriormente.

De início, a temática da sexualidade foi mais difícil de ser trabalhada, pois os meninos se mostraram envergonhados e, ao serem questionados, afirmaram que não tinham dúvidas sobre o assunto. Falamos da importância do uso do preservativo na relação sexual, de ter o primeiro contato e manejo com a camisinha

antes da verdadeira relação, pois assim estariam mais seguros e correriam menos riscos de serem pais na adolescência. Eles demonstraram conhecimento e relataram que idealizavam um relacionamento com forte vínculo afetivo. Questionamos se eles já haviam conversado com os seus pais sobre relações sexuais, à medida que alguns disseram que haviam tido conversas curtas para sanar as dúvidas. Outros declararam que não falavam sobre o assunto. De modo geral, os meninos afirmaram que é complicado falar sobre sexo na escola ou em casa, por ser um tema que gera muita vergonha.

Considerações finais

Percebemos que a sexualidade extrapola o aspecto biológico e que os jovens demonstram fragilidade em lidar com esta temática, assim como se mostram frágeis em perceber sua identidade, individualidade e estabelecer um limite de respeito com os demais. No grupo de meninas ficou evidente a dificuldade na interação familiar já que, para a maioria, havia algum tipo de descontentamento na relação parental. Sendo assim, a escola acaba sendo o local que recebe estas alunas – com uma autoestima prejudicada – e se torna o ambiente que possibilita extravasar a sexualidade com seus pares. Os meninos acabaram recebendo a incumbência de satisfazer este desamparo, através do olhar e do toque, sendo encarregados de solucionar este jogo de afeto.

Pela dificuldade em limitar o comportamento das meninas, sob a chancela de serem marcados como “isto” ou “aquilo”, os meninos não conseguiram estancar este comportamento feminino, mesmo que estivessem incomodados com tal situação. Sendo assim, a intervenção veio para dar voz a eles, mostrando que também podem e querem escolher o modo e o tempo em que irão se relacionar.

Por fim, percebemos que essa intervenção auxiliou na construção da sexualidade destes adolescentes, desmistificando o assunto e fornecendo uma direção no que diz respeito à abordagem da sexualidade na escola. Esta foi apenas uma das diversas demandas sobre tal assunto nas instituições de ensino e, para que sejam desenvolvidos sujeitos mais seguros de si, em todos os aspectos, revela-se a importância do cuidado global com estas crianças e adolescentes.

Referências

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano:** experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CRESWEL, J. W. **Projeto de pesquisa:** método qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud). Vol. 7, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. – São Paulo. Editora Atlas S.A. 2008.